

## A flecha e o azul: redescobrimo Artur Koestler Por Cláudio Saiani

*Infinito e eternidade — sim, essa era a questão. Um dia, durante as férias de verão, em 1919, eu estava deitado de costas sob um céu azul numa colina em Buda. Meus olhos se encheram com o azul acima de mim, contínuo, interminável, transparente, complacente, saturado, e eu senti uma exaltação mística — um daqueles estados de iluminação espontânea que são tão freqüentes na infância e que vão rareando com o passar dos anos. Em meio a tal beatitude, o paradoxo da infinitude espacial repentinamente esporeou meu cérebro como se ele tivesse picado por uma vespa. Você poderia lançar uma superflecha no azul com uma super-força que a levasse para além do empuxo da gravidade terrestre, além da lua, além da atração do sol — e depois o quê? Ela atravessaria o espaço interestelar, passaria por outros sóis, outras galáxias, Vias Lácteas, Vias de Mel, Vias Ácidas — e depois o quê? ... O céu não tinha nada que parecer tão azul e tão presunçoso se seu sorriso escondia o mais terrível segredo, um segredo que ele se recusava a revelar, assim como os adultos podiam enlouquecer você com seus sorrisos quando estavam determinados a ocultar um segredo, cruel e ilegitimamente negando-lhe o direito mais sagrado — o direito de saber. O direito de saber era auto-evidente e inalienável — caso contrário, estar aqui com olhos para ver e uma mente para pensar não fazia sentido (AB, p. 67)*

O objetivo do presente trabalho é apresentar Arthur Koestler através de sua autobiografia escrita em dois volumes, *Arrow in the blue* e *The invisible writing*. Contudo, talvez devêssemos dizer sua semi-autobiografia, uma vez que começou a escrevê-la em 1946, aos quarenta e um anos. Trata-se de uma obra indubitavelmente sincera e crítica, em cuja leitura notamos uma quase desesperada busca de significado, quer dos acontecimentos políticos de uma época que viu nascerem o Nazismo e Comunismo, quer do Universo, quer de seu próprio funcionamento psicológico. Cabe observar que a autobiografia um tanto precoce é o resultado de uma promessa feita a si mesmo, após sua libertação de uma prisão franquista na qual se encontrava em 1937, condenado à morte, durante a Guerra Civil Espanhola.

Koestler observa com um misto de paixão e distanciamento os acontecimentos que vão desde sua infância em Budapeste até sua opção por se naturalizar cidadão britânico. Antes de passarmos a alguns aspectos dessas análises, porém, parece adequado transcrever a nota biográfica constante em *The Sleepwalkers*<sup>1</sup>:

*Arthur Koestler alternou toda sua vida entre o homem de ação e o homem de letras. Nascido em Budapeste, em 1905, estudou na Universidade de Viena antes de se tornar jornalista. Como correspondente estrangeiro viajou intensamente, visitando o Oriente Médio, Paris e Moscou. Em 1937, como representante do News Chronicle na Espanha, foi capturado pelas tropas de Franco e aprisionado sob sentença de morte. Foi finalmente libertado com intervenção do Governo Britânico e retornou a Londres. Durante a Guerra serviu na Legião Estrangeira e no Exército Britânico e em 1945 tornou-se Correspondente Especial para The Times na Palestina. Nos anos 1940 e começo dos anos 1950 era talvez o mais amplamente lido romancista político da época. *Darkness at Noon*<sup>2</sup>, considerado sua obra prima, foi publicado em 1940, seguido por *Arrival and Departure* (1943), *Thieves in the Night* (1946). A partir de 1956, mergulhou em questões de ciência e misticismo, passando a ter um grande número de seguidores entre os jovens *The Age of Longing* (1951) and *The Call Girls* (1972)... *The Sleepwalkers* (1959) é o primeiro livro de sua clássica trilogia sobre a mente humana, que continuou com *The Act of**

<sup>1</sup> Publicado no Brasil em 1961, com o título *Os sonâmbulos*.

<sup>2</sup> Publicado no Brasil com o título *O zero e o infinito*.

*Creation* (1964) e terminou com *The Ghost in the Machine* (1967) ... Entre seus outros livros estão *The Yogi and the Commissar* (1945), *The Case of the Midwife Toad* (1971), dois volumes autobiográficos, *Arrow in the blue* (1952) e *The invisible writing* (1954), e uma seleção de seus escritos com comentários do autor, sob o título *Bricks to Babel* (1980). Koestler recebeu o *Sonning Prize* da Universidade de Copenhagen em 1968 e foi agraciado com vários doutorados honorários. Era *Fellow* da *Royal Society of Literature* da *Royal Astronomical Society* ... em três ocasiões foi indicado para o Prêmio Nobel. Arthur Koestler faleceu em 1983<sup>3</sup>.

Num capítulo intitulado “As armadilhas da autobiografia” (AB, p.37)<sup>4</sup>, o autor sustenta que as pessoas tendem a escrever autobiografias por duas razões, as quais denomina “Impulso do cronista”, que expressa a necessidade de compartilhar eventos externos, e “Motivo do *Ecce Hommo*”, expressão da necessidade de compartilhar eventos interiores. Trata-se de dois pólos de uma mesma escala, e uma boa autobiografia deveria apresentar uma síntese de ambas. Na verdade, o Impulso do Cronista domina as autobiografias de pessoas que desempenharam papel importante nos eventos de seu tempo, enquanto o Motivo do *Ecce Hommo* leva o autor a procurar preservar a unicidade de suas experiências, resultando no tipo confessional de autobiografia, da qual precisamente as *Confissões* de Sto. Agostinho constituem um exemplo clássico. Entre a vaidade do homem público e a obsessão do introvertido consigo próprio, capaz de fazê-lo desprezar o pano de fundo histórico, situam-se algumas armadilhas, das quais Koestler cita como a mais comum a “Falácia Nostálgica”, na qual o autor valoriza exageradamente suas experiências passadas, esquecendo-se de que o leitor pode não achar tão atrativo o cheiro de lavanda dos banhos que o escritor tomava quando criança. O autor prudente, portanto, dedica-se aos fatos relevantes, o que nos faz recair em outra cilada: como decidir quais são os fatos relevantes, se “tanto o detetive quanto o psicanalista afirmam que os fatos aparentemente irrelevantes são os que trazem os mais importantes indícios” (AB, p. 39).

<sup>3</sup> Na verdade, defensor da eutanásia e sofrendo do Mal de Parkinson e de uma leucemia incurável, Koestler suicidou-se, juntamente com sua esposa à época, Cynthia Jefferies, doando seus bens a uma fundação destinada a pesquisas parapsicológicas.

<sup>4</sup> As citações sempre se referirão aos dois volumes autobiográficos, *Arrow in the Blue* (AB) e *The invisible writing* (IW)

A próxima armadilha é a “Falácia do Cachorro Vagabundo”, segundo a qual, com medo de exibir-se, o autor se retrata como o mais desprezível dos cães de rua, a ponto de o leitor se perguntar como teria ele sido capaz de fazer tantos amigos, e de estar em meio a tantos acontecimentos e pessoas interessantes. Finalmente, resta o espinhoso problema de selecionar o material relevante. Relevante para quem, Koestler pergunta. Obviamente, para o leitor, mas qual leitor? Ele observa: *Esta questão, pelo menos, eu posso responder sem ambigüidade. O impulso do Cronista é sempre dirigido para o leitor ainda não nascido. Isso pode parecer presunção, mas é apenas a expressão de uma inclinação natural*(AB, p.41).

Koestler escreveu essa autobiografia aos quarenta e seis anos. No prefácio de uma edição de 1969, quando já contava sessenta e quatro anos, ele observa que a escreveria de modo diferente, embora reconhecesse que isso constituiria uma espécie de trapaça. Diz ser uma experiência comum a qualquer autor o constrangimento ao deparar-se com obras escritas na juventude, já que o estilo e os gostos se alteram ao longo do tempo. *Entretanto, assinala, do ponto de vista do aspecto estritamente autobiográfico, surpreendi-me ao descobrir que, apesar de trabalhar o material de modo diferente, minha visão das pessoas e acontecimentos, incluindo o anti-herói desse relato, permaneceu essencialmente inalterado. Não estou certo se esse é um pensamento confortador ou deprimente.*

### **Infância e família**

O primeiro capítulo tem por título *O horóscopo*. Nele, somos informados que Koestler nasceu no dia 05 de setembro de 1905, aproximadamente às três e meia da tarde. A justificativa para essa precisão é explicada da seguinte forma: *A astrologia se fundamenta na crença de que o homem é formado pelo seu ambiente cósmico; Marx sustenta que ele é produto do ambiente social. Eu acredito que ambas as proposições são verdadeiras: daí a idéia do horóscopo secular* (AB, p. 15).

Para levantar esse horóscopo secular Koestler procurou os arquivos de *The Times*, e pesquisou os exemplares de datas próximas à data de seu nascimento. As notícias que encontrou assim o fazem terminar o capítulo:

*Quando fechei o volume, negro e massudo, e deixei o escritório da Printing House Square, parecia-me que meu horóscopo secular trazia tanta informação quanto as estrelas o fariam sobre o campo de forças no qual nasci, e sobre as influências que moldaram meu caráter e destino. Todavia, às vezes sinto que dizer isso é uma blasfêmia, e*

que o astrólogo medieval, este palhaço profético com seu chapéu negro e pontudo, e seu roupão de seda ornamentado, tinha um vislumbre mais verdadeiro da essência do destino do homem do que os políticos e psiquiatras de nossos dias. Mas até mesmo esse sentimento, é claro, pode ser determinado pelo meu horóscopo — pelo fato de eu ter nascido no momento em que o sol se punha na Idade da Razão (AB, p. 22).

Arthur Koestler foi uma criança prodígio. Por volta dos treze anos falava Húngaro, Alemão, Francês e Inglês. Cedo desenvolveu uma paixão prematura por matemática, física e pela construção de brinquedos mecânicos. Seu relacionamento com outras crianças, no entanto, não seguiu o mesmo padrão. Tímido, cheio de sentimentos de culpa cultivados por uma governanta autoritária, socialmente inadequado, ele observa com amargura: *Eu era filho único e uma criança solitária; precoce, neurótico, admirado por meu cérebro e detestado por meu caráter, tanto por meus professores quanto por meus colegas* (AB, p.35). Em uma de várias tentativas de explicar-se a si próprio, assinala:

*Rememorando meu desenvolvimento intelectual, encontro uma curiosa contradição. Eu era uma criança prodígio, muito avançado para minha idade. Mas como adolescente, e mesmo aos vinte e poucos anos, eu era mais imaturo do que outros de minha idade, e não somente parecia mais jovem, mas era marcadamente infantil, mental e emocionalmente. Em termos psiquiátricos, existia uma forte tendência para o infantilismo com fixações pronunciadas. Em linguagem corrente, eu adquiri conhecimento rapidamente, mas sabedoria muito devagar. Aos dez anos eu era uma criança prodígio; aos vinte e cinco ainda um adolescente* (AB, p.64).

Seu avô paterno aparentemente era um fugitivo da Rússia Czarista, embora pairasse um certo mistério sobre ele. O avô materno fugiu para os Estados Unidos, após ter aplicado um golpe na família. Koestler observa com ironia: *Assim, meus dois avôs quebraram aos laços da sagrada família vitoriana. Um entrou em cena de lugar nenhum, outro fugiu para lugar nenhum; ambos eram exilados e andarilhos sem descanso. Nesse aspecto, pelo menos, confirmei a tradição da família* (AB, p.34).

O pai de Arthur era um autodidata, que aprendeu sozinho alemão, inglês e francês na adolescência, acordando todos os dias às quatro

e meia da manhã, antes de um dia de trabalho de dez horas, como uma espécie de *office boy*, no que Koestler sugere ser o primeiro de muitos empreendimentos otimistas e extravagantes que se sucederam ao longo de sua vida. Uma versão de *self made man* transplantado para as margens do Danúbio, em dez anos passou de *office boy* a vendedor, a gerente geral e finalmente a sócio. À época de seu casamento, aos vinte e nove anos, já havia viajado para a Alemanha e a Inglaterra, feito contatos pessoais e aberto sua própria firma (AB, p. 26). Uma característica que pareceu marcante ao autor é o fato de seu pai nunca ter se deleitado com um poema ou com um romance, e de nunca ter ido ao cinema, sendo os negócios o único canal para sua vigorosa imaginação.

A mãe de Koestler descendia de uma antiga família judia de Praga. Tendo a família falido, sua vida se transformou: *Ela havia sido uma garota bonita, espirituosa e muito cortejada; quase da noite para o dia tornou-se a Cinderela da época vitoriana — a filha mais velha, solteira e sem dote. Para piorar, teve de deixar sua amada Viena para viver com uma irmã casada em Budapeste* (AB, p.35). Detestava os húngaros, a quem considerava um bando de bárbaros. Viviam sem amigos e sem contatos sociais, o que agravava a solidão do pequeno Arthur (o nome foi escolhido por ela por soar estrangeiro...). A essa má sorte Koestler atribui as constantes dores de cabeça de sua mãe, além de sua irritabilidade e seus tiques nervosos.

O tio preferido de Arthur, irmão de sua mãe, suicidou-se por afogamento quando não pode mais suportar o reinado de Hitler (AB, p. 35). Tia Rose, irmã de sua mãe, morreu na câmara de gás em Auschwitz, aos 72 anos, juntamente com a prima Magit, 41 anos, e seus dois filhos, Kate, 17, e Georgy, 12.

### **Atração pela Ciência**

O autor se confessa particularmente fascinado por geometria, álgebra e física, uma vez que, ao modo dos pitagóricos e alquimistas, acreditava que tais disciplinas continham *as pistas para o mistério da existência* (AB, p. 65). Essa busca pelo segredo último do Universo lhe parecia então o único propósito para viver. Koestler reconhece que essa fascinação pelas Ciências pode parecer estranha a quem considera a matemática árida e a ciência enfadonha. Na verdade, ele é quem estranha que alguém possa se envergonhar por admitir não compreender uma obra de arte, ao mesmo tempo orgulhando-se por não entender as leis que fazem o interruptor elétrico funcionar, ou as leis da hereditariedade, no que ele acredita ser

uma característica de nossa época. Na verdade, a ciência tanto impressionava o adolescente de quatorze anos era uma ciência pré-relativística, anterior à Física Quântica e à descoberta do inconsciente. Era uma ciência que assegurava, conforme o livro de Haeckel<sup>5</sup> que ele confessa ter sido a sua Bíblia naqueles tempos, que todos os enigmas do Universo, visto como um relógio newtoniano, estavam resolvidos. No entanto, ele se perguntava por que os paradoxos do infinito e da eternidade não constavam da lista de enigmas. Koestler atribui essa precoce paixão pelo infinito ao meio ambiente e a predisposições genéticas: *A sede pelo absoluto é um estigma que marca os que são incapazes de encontrar satisfação na relatividade do mundo do aqui e agora. Minha obsessão pela flecha foi meramente a primeira fase da busca. Quando ela se mostrou estéril, o Infinito como alvo foi substituído por Utopias de um outro tipo. Foi a mesma busca que me levou à Terra Prometida e ao Partido Comunista. Em outras épocas aspirações desse tipo encontravam sua satisfação natural em Deus.*

Assim, a imagem da flecha acabou por substituir o Deus de que ouvira falar quando tinha três anos de idade, e confundia com as Sete Musas pintadas no teto de seu quarto de dormir (os adultos haviam lhe dito que Deus estava 'lá em cima'...). Desse modo, Koestler confere um matiz religioso a suas indagações científicas: *Pois a busca da ciência em si nunca é materialista. É uma busca pelos princípios de lei e ordem do universo, e como tal é um empreendimento essencialmente religioso. Se as inferências que dela decorrem são às vezes, isso meramente significa que aqueles que as retiram são partidários de uma filosofia materialista* (AB, p. 70)

Essa religiosidade se revelaria novamente em 1937. Condenado à morte em uma prisão franquista, rabiscava a parede com um pedaço de arame. O assunto eram fórmulas de Geometria Analítica, numa espécie de volta à paixão de sua juventude. Esquecera-se da dedução da equação da hipérbole, mas lembrava das equações da elipse e da parábola. A seguir, passou para a demonstração de Euclides acerca da existência de infinitos números primos, o que lhe trouxe de volta a velha sede de infinito:

*Desde que tomei conhecimento na escola da demonstração de Euclides, ela sempre me encheu de uma satisfação íntima, mais estética do que intelectual. Agora, enquanto recordava o método e escrevia os símbolos, eu sentia o mesmo encantamento.*

*E então, pela primeira vez, eu repentinamente entendi a razão para tal encantamento: os símbolos escritos na parede representavam uma das raras ocasiões nas quais se chega a uma afirmação acerca do infinito meio de meios precisos e finitos, O infinito é uma massa mística envolta em bruma; contudo, era possível conseguir algum conhecimento sobre ele sem se perder em ambigüidades melíferas. O significado disso me varreu como uma onda, que se originou num vislumbre verbal articulado; mas isso imediatamente se evaporou, deixando em sua trilha somente uma essência sem palavras, uma fragrância de eternidade, um frêmito da flecha no azul* (IW, p. 429)

Koestler chegou a ser, em 1927, aos vinte e dois anos, editor científico de um poderoso grupo editorial alemão, o que permitiu que entrasse em contato com as novidades de todas as ciências. Mais tarde, entre 1933 e 1934, escreveu parte do que se tornou um *best seller* internacional, *The encyclopaedia of Sexual Knowledge*, sob o pseudônimo de Dr. A. Costler (IW, p. 260 s).

Ainda como autor científico, e depois de haver publicado a obra autobiográfica de que vimos nos ocupando, Koestler escreveu *The sleepwalkers* em 1959, uma história da cosmologia desde os babilônios até Newton. No prefácio desta obra, ele declara preocupar-se com o relacionamento entre Ciência e Religião, como esses dois ramos da atividade humana se confundem e separam ao longo dos séculos. Além disso, ele se debruça sobre a psicologia da descoberta, conforme se manifesta em vultos como Ptolomeu, Kepler e Galileu — de fato, são eles os sonâmbulos a que se refere o título da obra, já que conseguiram desvendar as leis da Astronomia de forma cientificamente impecável, embora levados por motivos muitas vezes supersticiosos e irracionais.

Na trilha do desvendamento da psicologia da mente criativa, Koestler escreve em 1964 *The Act of Creation*, cujo subtítulo é *Um estudo do consciente e do inconsciente na ciência e na arte*. Nessa obra, ele propõe que *as descobertas científicas, a originalidade artística e a inspiração cômica possuem um padrão básico em comum, procurando discernir qual seria esse padrão.*

*The Ghost in the Machine*, de 1967, critica acerbamente o Behaviorismo na psicologia, como tentativa de utilizar a Ciência na manipulação de seres humanos. Em *The Roots of Coincidence*, de 1972, Koestler se debruça sobre fenômenos paranormais, relacionando-os com a Física Quântica e com o conceito junguiano de sincronicidade.

---

<sup>5</sup> Die Weltraetsel.

## Comunismo

Koestler tinha nove anos quando eclodiu a I Guerra Mundial. Ele relata ter, em certa ocasião, se desligado de sua governanta para juntar-se a uma manifestação, gritando, alternadamente, “Morte aos cães sérvios” e “Deus abençoe os magiares”. A família passou os quatro anos da Guerra em Budapeste e Viena, de pensão em pensão, sem maiores aborrecimentos do que o impedimento de seu pai viajar para a Inglaterra a negócios.

Em 1918, ocorre o colapso do Império Austro-Húngaro, com a conseqüente reestruturação do mapa da Europa. A Hungria se separa do Império Austríaco e o menino Arthur assiste, em meio a uma manifestação de massa, a proclamação feita pelo Conde Michael Károly, depois eleito presidente da nova nação, numa gestão que durou apenas quatro meses, dando lugar à ditadura comunista de Béla Kuhn, quase sem derramamento de sangue: ao contrário do que esperava Karolyi, as democracias ocidentais não apoiaram seu regime que, incapaz de prosseguir sem ajuda e apoio externos, *abdicou em favor da única força organizada no país que parecia capaz de evitar o caos* (AB, p. 80).

Koestler, então com quatorze anos, teve seu primeiro contato com o Partido Comunista pouco antes de sua subida ao poder. Numa manifestação em Budapeste, alguns membros haviam sido mortos, e o Partido organizou um grande féretro, ao som da Marcha Fúnebre de Chopin, tocada por uma banda composta por ferroviários, música que marcou o autor sobremaneira:

*Aos meus ouvidos, era mais emocionante do que qualquer música que já escutara. Foi talvez minha primeira experiência de êxtase musical. Esta emoção mesclou-se a visão dos caixões dos mártires à frente da procissão de homens endurecidos, com suas faces simples e fortes e seus olhares abertos e confiantes. A Marcha de Chopin fez de mim um romântico Comunista, muito antes de eu saber o que o termo queria dizer* (AB, p. 80).

A descrição que Koestler faz do cortejo dá uma idéia do que então significava o Comunismo, que era *uma palavra nova em 1919, e soava como uma palavra boa, justa e esperançosa* (p. 81), um caminho para acabar com as gritantes injustiças sociais que começavam a ser descritas pelos jornais:

*Cerca de cinqüenta mil do cinturão industrial de Budapeste seguiam o carro fúnebre, adornado com coroas verdes e panos*

*vermelhos. Marchavam lentamente, com disciplina e dignidade. A Hungria era um país emergindo de um estado semifeudal; nunca antes os cidadãos de Budapeste haviam visto uma multidão de robustos operários desfilando em suas elegantes ruas de compras; muitos deles provavelmente nunca haviam visto um operário de fábrica antes* (AB, p. 81).

## Sionismo

A próxima etapa no envolvimento de Koestler com a política ocorre quando de sua entrada na *Technische Hochschule*, em Viena, que gozava de status universitário. Ele relata que metade dos estudantes pertencia a alguma fraternidade de duelo, uma relíquia dos tempos medievais germânicos que durou até que o Nazismo a proibisse. Cada uma das fraternidades tinha seu próprio uniforme, no qual figuravam as cores heráldicas dos principados alemães originais — Teutônia, Saxônia, Suábia, Turíngia, Bavária, Góthia, Vandália, etc. Nas manhãs de sábado, as fraternidades se perfilavam e desfilavam diante do hall de entrada da Universidade de Viena. Na época descrita com Koestler, então com dezessete anos, os critérios para formação das fraternidades eram raciais e políticos. Havia três categorias principais: as Pan-Germanistas, ramos austríacos de Saxônia, Gothia, Vandalia e dos outros *Korps* alemães, que *muito antes de Hitler ser conhecido adotavam uma doutrina racista, e só admitia arianos de sangue puro* (AB, p. 109); as Liberais, anti Pan-Germanistas, mais progressistas, que aceitavam checos, húngaros, judeus e membros de outras *raças inferiores*; e as fraternidades sionistas, das quais existiam doze na Universidade de Viena. Koestler pertencia à segunda delas a ter sido fundada, a Unitas. Antes dela, nos anos 1890, fora fundada a Kadimah (termo hebraico para “avante”). Outras fraternidades sionistas eram Ivriah, Lebanonia, Robus, Jordânia. Numa atitude que Koestler atribui a uma supercompensação, as fraternidades sionistas treinavam muito mais do que as outras na arte de duelar — com sabres de cavalaria — do que as outras, sendo as mais temidas e agressivas. As pangermânicas resolveram este problema por meio de um curioso estratagem: em 1920, realizaram uma convenção nacional que promulgou a seguinte resolução: “*Todo filho de mãe judia deve ser olhado como desprovido de honra, e portanto deve ser-lhe recusada a satisfação pelas armas*” (AB, p. 110). Na prática, essa resolução impedia que os sionistas exercessem suas habilidades com o sabre, forçando-os a utilizar punhos e bastões, o que originou uma série de distúrbios sangrentos, que

costumeiramente aconteciam nas manhãs de sábado.

Koestler comenta que seu envolvimento com o comunismo aconteceu ao som da Marcha Fúnebre, e seu compromisso com o Sionismo foi embalado pelas velhas canções da Unitas, onde teve talvez sua primeira conversa política, que o convenceu que o Sionismo era uma causa defensável, pelo fato de os judeus terem sido perseguidos ao longo dos séculos. Além do mais, os judeus eram um povo enfermo, por não possuírem na época um território, apesar de um elevado número de advogados, médicos e intelectuais serem judeus. A única cura para esse mal era voltar para sua terra. De qualquer maneira, Koestler confessa, *o comprometimento emocional veio primeiro, e as discussões vieram depois* (AB, p. 122). Ele comenta:

*Esse tema merece uma digressão, pois parece-me que a história que contei é bastante típica. Ela deve certamente soar grotesca àqueles que tem por assente que as atitudes políticas são primariamente formadas por considerações racionais. Ao contrário dessa crença ingênua, todas as evidências tendem a mostrar que a libido política é tão irracional quanto a pulsão sexual, sendo formada, como essa última, por experiências precoces e parcialmente inconscientes.— por choques traumáticos, complexos, identificações, repressões, e tudo o mais. O condicionamento emocional precoce desempenha um papel decisivo; as discussões que justificam e racionalizam o credo vêm depois* (AB, p.122).

Koestler não se sentia propriamente um judeu. Certos costumes, e a própria mentalidade dos judeus tradicionalistas lhe causavam um certo desconforto, para não dizer aversão. Convencera-se, todavia, que a cura para todas as mazelas dos judeus espalhados pelo mundo era a construção de um Estado judeu. Movido pelo que chama de Indignação Crônica (*“como outros têm indigestão crônica”*), desta vez motivada pela luta dos pioneiros judeus na Palestina, em luta contra a violência dos árabes e indiferença do governo britânico, embarca voluntariamente para o Oriente Médio, para juntar-se a um assentamento.

Na verdade, seu namoro com o Sionismo começara bem antes, quando era membro da Unitas. Sob influência de seu primeiro *“xamã político”*, Vladimir Jabotinski, envolve-se com o Movimento Sionista, participando da fundação do ramo austríaco da Liga dos Ativistas que se colocava em oposição às lideranças sionistas: pretendia estabelecer um estado judeu em ambas as margens do Rio

Jordão; estabelecer uma maioria na Palestina, por meio de emigração em massa; atrair o capital de industriais judeus e da classe média judia; criar uma milícia para auto-defesa; incluir o futuro Estado Judeu na Commonwealth. Enquanto isso, a liderança oficial empenhava-se em coletar dinheiro para o Fundo Nacional Judeu, para o Fundo Judeu de Reconstrução, para o Hospital Hadassah ... Koestler afirma que os ideais dos fundadores do Sionismo haviam se esvaído *“nessa burocracia de caridade”*, assim como os esforços dos pioneiros dos assentamentos comunitários.

Já então os estudos na Escola Politécnica estavam relegados a um segundo plano, substituídos por encontros políticos e estudos de *“Engenharia Social”* (Freud, Jung, Adler, psiquiatria, psicologia da arte ...) e Física de vanguarda (Einstein), nada disso tendo qualquer relação com seu curso de Engenharia. Em 1925, após uma discussão sobre determinismo e livre-arbítrio, quase num estado de exaltação mística, ele atea fogo ao seu Livro de Matrícula da Escola Politécnica, denominado Index, que continha toda sua história como estudante, um documento praticamente insubstituível, um episódio ao qual confere suma importância para seu desenvolvimento futuro: *A queima de meu Index foi a queima literal de minhas pontes, e o fim de minha futura carreira como cidadão respeitável e membro da profissão de engenheiro* (AB, p. 154).

Tal ato assume maior significado se lembrarmos que o pai de Koestler, traído por um sócio desonesto, estava arruinado, faltava um semestre para ele terminar seu curso e ele era a esperança de seus pais, então na Inglaterra. Ele o atribui a um *“súbito enamoramento pelo irracional”*<sup>6</sup>. Nada parecia fazer sentido: suas leituras sobre Freud e Einstein haviam minado suas certezas; a inflação galopante virava pelo avesso a lógica do comportamento econômico das pessoas; o golpe dado em seu pai por uma pessoa em quem confiava. Tudo isso o levam a escrever: *A vida era um caos, e embarcar numa carreira razoável em meio ao caos era uma loucura* (p. 155).

Quatro meses depois, Koestler parte para a Palestina, na qualidade de trabalhador agrícola sem capital (*Khalust*), não sem antes ter estudado intensamente para um exame do idioma hebraico, e sem escrever uma carta aos pais informando que partia para um estágio de engenharia na Palestina.

O que viria a ser o Estado de Israel era então uma espécie de experimento social, que

---

<sup>6</sup> *A sudden enamouredness with unreason itself.*

mesclava “renascimento social e utopia socialista” (AB, p. 166):

*Os colonos judeus partiam da convicção de que os judeus somente poderiam renascer como nação se adquirissem uma estrutura social como a das outras nações, com uma sólida base de fazendeiros e trabalhadores manuais. Para se tornarem novamente normais, eles teriam de reverter a pirâmide social do gueto, onde por séculos haviam sido condenados a uma existência de parasitas como agiotas, comerciantes e atravessadores. A terra prometida somente seria verdadeiramente deles se arassem a terra com suas próprias mãos (idem).*

Koestler se dirigiu a um dos assentamentos rurais (*kvutza*), localizado numa planície pedregosa, “infestada de malária, tifo e beduínos dedicados à pilhagem. As edificações de concreto contrastavam com a rudeza da paisagem e com as casas de argila dos árabes. Ficava uns 900 m abaixo do nível do mar, e tinha o pior clima entre todos os assentamentos. O calor escaldante era agravado por um vento quente do deserto (o Khamsin), além de mosquitos, pulgas, baratas e besouros em profusão. Os colonos não possuíam qualquer experiência prévia em agricultura: eram arquitetos, advogados, doutores em Filosofia de Viena e Praga. Viviam em regime comunitário, no qual se aboliram a propriedade privada e o uso do dinheiro, bem como a contratação de qualquer trabalho pago. A comunidade provia alimentação e abrigo — edifícios de concreto para as vacas e as crianças, separadas dos pais e colocadas numa creche comunitária aos cuidados enfermeiras e professores, barracões de madeira para os adultos. Provia também sabão e escova de dentes, roupas de trabalho, material para leitura, selos e contraceptivos. O dinheiro só era usado pelo tesoureiro, em transações externas com as cooperativas judias.

Apesar de tal rudeza, havia mais candidatos do que as comunas podiam suportar. Ao final de algumas semanas de período probatório, Koestler é recusado pela comunidade em favor de dois candidatos considerados mais aptos. Não obstante, confessa que nunca deixou de admirar a experiência desses pioneiros — embora um tanto mitigadas em relação à doutrina inicial, comunidades com essa mentalidade chegavam a duzentas no momento em que escreve. Ele as homenageia em seu romance *Ladrões na noite*, de 1946.

A não aceitação na colônia abre um período difícil para Koestler, conforme relata no

capítulo “Principalmente sobre fome”. Inicialmente, desloca-se para Haifa, numa caminhada de cerca de 64 quilômetros que ele, acometido de uma leve diarreia, completa em três dias, conseguindo abrigo e alimentação nas outras colônias pelo caminho. Lá, juntamente com um amigo advogado, envolve-se com a criação de três empreendimentos: um periódico semanal, uma agência de notícias e um escritório para ajuda legal a judeus atingidos por práticas abusivas pela administração inglesa. É aí que começa a carreira de Koestler como escritor e jornalista, uma vez que o material que produzia na agência de notícias era enviado para uns cinqüenta jornais e revistas sionistas na Europa e Estados Unidos, mas ele mal conseguiu a ganhar para o aluguel de um leito, um café, um pão e um punhado de azeitonas por dia. Depois de tentar várias atividades (incluindo vender limonada, que ele declara exigir um talento especial que ele não possuía), muda-se para Tel Aviv onde, depois de várias tentativas fracassadas, é convidado a editar um periódico semanal em alemão, que durou três edições.

Por fim, volta para a Europa, onde seu nome fora proposto por Jabotinsky, líder do movimento revisionista do sionismo, para secretário executivo do partido, sediado em Berlim. Koestler observa que o emprego, apesar do pomposo cargo de Secretário Executivo Mundial, lhe rendia parcas cinco libras por mês, mas lhe trouxe um ganho extra:

*Meu trabalho consistia em ditar cartas aos vários ramos do movimento, explicando-lhes as decisões do comitê central, respondendo a suas perguntas, e incitando-os a uma maior atividade. Não era um emprego inspirador, mas muito me ensinou sobre psicologia política. Os Sionistas eram uma minoria dentre as várias minorias judaicas. O Movimento Revisionista era uma minoria elevada ao cubo, por assim dizer. Mas em cada ramificação havia uma oposição dentro da oposição, e facções que brigavam com unhas e dentes. Era a mesma história, o mesmo pequeno e fútil drama reencenado de Kovno a Paris, de Berlim a Tessalônica. As questões eram pessoais ou ideológicas, mas na maior parte das vezes uma mescla das duas. Aprendi a descartar a maioria dessas querelas locais sobre doutrina ou tática como meras projeções de rivalidades pessoais. Mas também aprendi que, quanto menor o grupo, mais propenso a produzir especialistas em ideologias de arrepiar o cabelo e monomaniacos sectários (AB, p. 208).*

Por essa época, quando contava vinte e dois anos, Koestler tem a primeira grande

oportunidade de sua vida, ao assumir o posto de correspondente internacional em Jerusalém para a maior empresa jornalística da Europa, a Casa Ullstein. Permanece na Palestina por dois anos, passando, em 1929, a trabalhar em Paris. Seu interesse no sionismo foi desaparecendo, só reaparecendo *“treze anos depois, quando os crematórios e câmaras de gás de Hitler começaram a funcionar”* (AB, p. 247)

#### **Filiação ao Partido Comunista Alemão**

Em três capítulos de *Arrow in the blue, O crepúsculo dos deuses do liberalismo, Rebelião e fé: rebelião e fé: fé*, Koestler discute vividamente o ambiente político e psicológico vigente na Alemanha, em 1930, e que o levaria a filiar-se ao formalmente ao Partido Comunista Alemão. Com efeito, ele chega em Berlim, vindo de Paris, no dia 14 de setembro de 1930, precisamente a data da eleição para o Reichstag, na qual o Partido Nacional Socialista passa de vinte para cento e sete cadeiras no Parlamento Alemão, prenunciando o fim da República de Weimar e o advento da *“era da barbárie na Europa”*. Nessa eleição, os partidos de Centro foram esmagados, o Partido Democrata desapareceu, o Partido Comunista aumentou seu poder de voto em 40% , e os nazistas em 800%.

Essa mudança política tem reflexos na empresa jornalística em que ele acabava de ser promovido a editor científico, em virtude de uma matéria sobre o Nobel de Física de 1929, Louis de Broglie. Os proprietários eram judeus, assim como mais da metade do pessoal. Assim descreve Koestler as reações das pessoas:

*Os indivíduos reagiam ao apocalipse que se aproximava de acordo com seus vários temperamentos. Havia otimistas profissionais e otimistas constitucionais. Os primeiros enganavam os leitores, os últimos, a si próprios. Havia os que diziam: “Eles não podem ser tão maus”. E os que diziam: “Eles são muito fracos, não podem começar nada”. E os que diziam: “Eles são muito fortes, precisamos apazigua-los”. E os que diziam: “Vocês estão com medo do bicho-papão, têm mania de perseguição, são histéricos”. E os que diziam: “O ódio não leva a nada, devemos trata-los com simpatia e compreensão”. E os que simplesmente diziam: “Eu me recuso a acreditar”* (AB, p.296).

Nos trinta meses que decorreram entre as eleições e a definitiva tomada do poder por Hitler e seu partido, a atmosfera na Casa Ullster foi gradativamente se deteriorando. A orientação, inicialmente cosmopolita, mudou para Pan-germanista. Jornalistas judeus, que haviam construído a reputação de liberalismo da empresa, foram sendo demitidos e substituídos por arianos. Uma campanha de

anos contra a pena de morte foi abandonada; decidida em uma reunião de Direção, com a presença dos donos, editores-chefes e segundos em comando, tal atitude foi particularmente sentida por Koestler:

*Foi simplesmente uma, numa série de capitulações, mas mais chocante por não ter ligação direta com questões políticas. Capitulamos diante da rapidamente crescente brutalização das massas. Na fútil esperança de ganhar o favor do público sacrificamos, no calor do momento, toda uma filosofia social que preconizava que a função da justiça não era punir, mas proteger a sociedade. Pelo fato de se tratar de uma questão de princípios básicos, o incidente me chocou mais do que uma traição política direta. Assustei-me ao descobrir que os “Príncipes”<sup>7</sup>, que eram a corporificação da opinião pública democrática por excelência careciam de coragem e convicção* (AB, p. 299).

Isso era o que ocorria com o Liberalismo alemão. Quanto aos socialistas, a situação era mais sem esperança ainda. Com a derrota de 1918, haviam tido a oportunidade de *“transformar a Alemanha num país verdadeiramente democrático”*, mas não conseguiram quebrar o poder do grande capital. Seu candidato às eleições de 1932, o senil Marechal Hindenburg venceu, mas seis meses depois chamou Hitler para o poder. Com promessas não cumpridas e sucessivas mudanças de lado, o único compromisso firme dos Socialistas parecia ser contra os Comunistas, a quem haviam reprimido ferozmente quando no poder. Koestler assinala que odiava os nazistas, *“mas era um ódio frio, desprovido do fulgor emocional que somente a proximidade com o objeto odiado traz”* (AB, p. 303). Os socialistas, no entanto, traíam os mesmos princípios em que ele acreditava. Numa observação que pode ser vista como o núcleo gerador desta obra autobiográfica, ele assinala: *“A resistência ativa contra os nazistas só parecia possível bandeando-se para o lado dos socialistas ou dos comunistas. Uma comparação de seus registros passados, seu vigor e determinação eliminavam os primeiros e favoreciam os segundos”* (idem). Na verdade, tal escolha parece-lhe tão inevitável que quase chega a confirmar a tese de Marx, de que o homem é produto do meio social, já que outros indivíduos com formação e background semelhantes ao seu também não viram outra escolha: *“A leste do Reno, em 1930, não havia*

---

<sup>7</sup> A reunião com o corpo diretivo da empresa era chamada “Conselho dos Príncipes”.



*como escapar da escolha entre Fascismo e Comunismo*” (AB, p. 319).

Analisando seu próprio caso, contudo, ele alinha outras razões que não as políticas. Koestler se classifica como um rebelde, alguém que dirige sua indignação ora contra uma injustiça, ora contra outra, e não um revolucionário, cujo ódio é dirigido com intensidade contra um único objeto. A administração colonial britânica na Palestina o transformara em um sionista ativo. No caso do comunismo, a gota d’água foi a política americana de destruir estoques de comida para manter a estabilidade dos preços durante a Depressão, quando milhões de desempregados viviam na miséria. Isso parecia confirmar a previsão de Karl Marx, de que o capitalismo desapareceria através de suas contradições internas: *“Claramente, a profecia estava a ponto de se realizar. Quando os povos morrem de fome e a comida é destruída diante de seus olhos para que seus gordos exploradores possam ficar ainda mais gordos, então o juízo final deve estar às portas”* (AB, p.322).

A indignação de Koestler era impessoal, dirigida contra o Sistema como um todo. E sua ida para o Partido Comunista foi, de certa forma, típica. Ele cita, entre outros que fizeram a mesma escolha, Gide, Malraux, Brecht, Auden, Steinbeck, Dos Passos e Sinclair:

*“Nos anos 1930, a conversão à fé comunista não era uma moda ou maluquice — era uma sincera e espontânea expressão de um otimismo nascido do desespero: uma revolução do espírito abortada, um Renascimento falhado, uma falsa aurora da História. Ser atraído pela nova fé era, ainda acredito, um equívoco honroso. Estávamos errados pelas razões certas; e ainda sinto que, com poucas exceções — já mencionei Bertrand Russell e H.G. Wells — aqueles que ridicularizavam a Revolução Russa desde o começo, o fizeram por motivos menos honrosos do que nosso equívoco. Há um mundo de diferença entre um amante desencantado e um incapaz de amar”* (AB, p. 324)

A reforçar esta tendência havia o fato de existir o que o autor denomina “mitologia soviética”. Aos olhos dos ocidentais, qualquer comparação do seu mundo com o mundo soviético era favorável a esse último: desemprego versus falta de mão de obra; greves versus competição entre fábricas (pertencentes ao povo!) por maior produtividade; liberalismo levando ao caos e à depressão na economia versus o Primeiro Plano Quinquenal. E Koestler chega a afirmar que se apaixonou por

esse Plano, que lhe parecia uma obra prima de Engenharia Social: *“A teoria marxista e a prática soviética eram o cumprimento admirável e supremo do ideal de Progresso do século XIX, ao qual eu aderiria. A maior hidrelétrica do mundo certamente deveria trazer a maior felicidade para o maior número de pessoas”* (AB, p. 329). E assim como antes ele, em busca de salvação para o povo judeu, partia para a Palestina, onde se desencantara com o provincianismo, agora se atirava a uma nova Utopia, que visava salvar não só uma raça, mas toda a humanidade: *“E, assim como o novo Estado Judeu visava trazer de volta a Era dos Profetas, assim a Sociedade sem Classes, segundo Marx, seria um renascimento, no fim da espiral evolucionária, da sociedade comunista primitiva de uma passada Idade do Ouro”* (idem).

Tal utopia, compartilhada por inúmeros intelectuais de classe média, já existia, aos seus olhos, encarnada na União Soviética — e a inacessibilidade desse país apenas fazia aumentar o encanto. A realidade por trás do mito ainda não se revelara: era o “Grande Experimento Soviético”, do qual faziam parte obras de literatura (por Sholokov e Isaac Babel), de cinema (por Eisenstein) e de teatro (por Stanislavsky), todas elas financiadas pelo Estado, e portanto pelo Povo soberano: *“Um regime capaz dessas realizações somente poderia inspirar amor e admiração, e uma nova fé na humanidade”* (AB, p.333).

Koestler enfatiza que, em 1930, nada se sabia sobre expurgos, sobre julgamentos exemplares, nem havia sido firmado o pacto Hitler-Stalin. E, depois de ter vivido a experiência de ser membro do Partido Comunista, e de ter pensado a realidade em termos marxistas, ele critica da seguinte forma o pensamento de Marx:

*“O esquema marxista, com toda sua coerência interna, substitui o retrato do homem por um raio X de seu esqueleto. É possível diagnosticar uma fratura ou uma osteoporose, mas nada mais do que isso. Então, embora o esquema seja extremamente útil dentro de suas limitações, previsões do comportamento humano nele baseadas provaram estar invariavelmente erradas. Um mínimo de insight psicológico sobre a mentalidade do camponês russo como realmente era, e não como deveria ser de acordo com o esquema, possibilitaria ver que a coletivização forçada de 1930-1931 levaria ao desastre. E um enfoque mais realista do fascismo pelo menos impediria os comunistas de fazer a absurda previsão de que “o ano de 1932 veria o triunfo final da revolução comunista na Alemanha”* (AB, p. 338).

Mais do que isso, o modo de pensar marxista apresentava a realidade em preto e branco, desconsiderando nuances e situações intermediárias. Assim, para os estudos publicados nos periódicos do Comintern quem não era comunista era fascista: falava-se dos “Hitler-fascistas”, dos “Social-fascistas” (o Partido Socialista), dos “Bruening-fascistas” (o Partido Católico de Centro) e dos “regimes imperialistas semi-fascistas” (os governos da Inglaterra, França e Estados Unidos). Dessa maneira, o pensamento comunista produzia polarizações arbitrárias, conforme os exemplos;

*“1930 — a Rússia Soviética e a classe operária internacional versus o mundo capitalista, que era um mundo fascista, pois “o fascismo era a inevitável última fase do capitalismo.”*

*1940 — os povos russo e alemão, amantes da paz, versus os agressores pluto-democratas imperialistas: Inglaterra e França.*

*1941 — os bestiais agressores fascistas alemães versus as nações democráticas unidas: Rússia, Inglaterra, França e Estados Unidos,*

*1950 — Os criminosos imperialistas fomentadores da guerra: Inglaterra, França e Estados Unidos versus as Democracias Populares do Leste, amantes da paz”.*

Koestler se pergunta *com a melancólica sabedoria que vem depois do fato, como conseguiu viver tantos anos nesse transe mental (p. 340)*. Na época, no entanto, a combinação de rebeldia com a busca da Utopia o levaram a filiar-se ao Partido Comunista Alemão, almejando inicialmente dirigir um trator na Rússia. Seus superiores no Partido, no entanto, acharam melhor que ele se mantivesse incógnito como editor da cadeia Ullstein, e trabalhando sob um pseudônimo para o serviço de inteligência do Partido. Ele começa o segundo volume da autobiografia, *The invisible writing*, com a seguinte frase de Picasso : *“Fui para o comunismo como se vai para uma corrente de água fresca”*. Mas complementa: *“e eu deixei o comunismo como alguém que rasteja para fora de um rio juncado de destroços de cidades inundadas e dos cadáveres dos afogados”*. A entrada no Partido Comunista corresponde a outra daquelas pontes queimadas de que ele tanto fala. Num estágio da vida profissional que nunca havia alcançado antes, quando começava a ser um jornalista respeitado e, depois de haver passado fome na Palestina, ter chegado quase ao máximo que um jornalista podia receber na Alemanha, ele sabia que sua filiação acabaria por levar a sua demissão, que de fato ocorreu, motivada pela denúncia de um jovem subordinado que ele

conseguira cooptar. Junto com ela, termina sua utilidade para o Partido, no que ele classifica como mais uma benção do irracional, já que o livrara de ser um agente secreto em tempo integral. Não tendo mais necessidade de se esconder, ele passa a frequentar abertamente as reuniões de sua célula — o Partido se organizava em células de vinte pessoas, que se reuniam semanalmente para uma discussão política, embora toda discordância em relação a uma linha de ação tomada pelo partido fosse considerada “sabotagem desviacionista”. Fazia-se panfletagem porta a porta. Muitas vezes ele emprestava seu carro para ações contra os nazistas, embora ele mesmo nunca tivesse participado diretamente de uma.

### **Viagem à União Soviética**

Após sua demissão, Koestler consegue, por meio de contatos com Johannes R. Blecher, então presidente da Liga dos Escritores Proletários Revolucionários da Alemanha um visto para visitar a União Soviética. A idéia era escrever um livro no qual um jornalista burguês vai se convertendo ao comunismo ao conhecer as realizações do povo soviético. O contato com a Utopia que tanto buscava se revelou tão aterrador que ele confessa que sua mente, treinada no pensamento marxista, logo aprendeu a separar o que via em “marcas do passado”, para os aspectos decepcionantes da realidade russa, e “sementes do futuro”, para os aspectos que se poderia considerar progressistas.

Essa realidade já começava a se mostrar na alfândega, onde os fiscais não revistavam a bagagem dos viajantes por amostragem. Ao invés disso, cada mala era cuidadosamente desfeita, seu conteúdo disposto no chão e submetido a um cuidadoso escrutínio, que envolvia desembulhar cada pacote ou caixa de chocolate. O mesmo acontecia com o trem, que passava por uma revista, sendo os passageiros impedidos de entrar enquanto ela acontecia. A maioria dos passageiros eram russos e levava comida. Koestler observa que ele, conhecendo a experiência de passar fome, reconhecia o olhar faminto e resignado dos guardas. Na verdade, ocorria na União Soviética uma das grandes fomes, a de 1932-1933. A cada parada do trem, acorriam à estação camponeses andrajosos, aagitando crianças barrigudas, esqueléticas, esqueléticas: os companheiros de viagem de Koestler lhe diziam, com um sorriso amarelo, que aquelas pessoas haviam sido *kulaks*, ricos proprietários que haviam resistido à coletivização de suas terras.

Outra face daquela realidade era a atmosfera de segredo: pedaços de papelão eram colados às janelas perto de pontes, consideradas

objetivos militares que não podiam ser fotografados. Uma terceira face era a precariedade das comunicações: o telegrama que enviara de Berlim para um casal de amigos em Kharkov, na Ucrânia, só os alcançou dezoito horas depois que ele mesmo se apresentara na residência deles. Não havia telefone. Num bonde superlotado ele teve furtados, no mesmo dia, sua carteira, sua caneta e seus cigarros, objetos que guardava em diferentes bolsos. Também não havia bens para comprar: roupas, sapatos, papel para datilografia, papel carbono, pentes, panelas, agulhas para fogareiros a parafina, indispensável na limpeza desse apetrecho, então presente em todas as casas russas. As cooperativas, cujos armazéns supostamente deviam abastecer a população, estavam sempre vazios. Filas se formavam sempre que chegava a notícia de que alguma mercadoria — qualquer que fosse — havia chegado, e se formavam sem nem mesmo que seus componentes soubessem para a aquisição de qual artigo se destinava.

Koestler relembra com *“um nó na garganta”* o bazar, um mercado de trocas permanente, onde as pessoas levavam *“de um punhado de pregos enferrujados a uma colcha em frangalhos ou um pote de coalhada vendida às colheradas, com direito às moscas (IW, p. 69)”*. Havia anciãos trocando botas esfarrapadas por pão preto ou um punhado de tabaco ou, nada tendo para permutar, cantando velhas canções ucranianas em troca de uma ocasional moeda. Ele nota que a maioria dos frequentadores do bazar tinha mãos e pés inchados, bem como alguma doença nos olhos. Conforme foi descobrindo ao longo da jornada, aquelas pessoas não eram, em grande parte, ricos proprietários que haviam resistido à coletivização, mas camponeses comuns forçados a abandonar suas aldeias em função da fome: oficiais do Partido, tendo metas a alcançar, confiscavam *“não somente a colheita, mas também as reservas de semente, de modo que as novas fazendas coletivas nada tinham para semear”* (IW, p.69). Quanto ao gado, os camponeses preferiam sacrificá-lo a entregá-lo ao *kolkhoz*. Desse modo, sem nada para fazer numa terra que já não lhes pertencia, abandonavam suas aldeias. Além dos cinco milhões de proprietários oficialmente expropriados, vários outros milhões vagavam em busca de alimento, apinhando trens, estações, praças, durante um fome que oficialmente não passava de *“dificuldades na frente de coletivização”*.

Não sem alguma ironia, Koestler relata que viajava sob um duplo patrocínio. O primeiro era representado por uma carta do

chefe do Departamento de Agitação e Propaganda do Comitê Executivo da Internacional Comunista. O segundo era a certificação a que fazia jus, na qualidade de jornalista estrangeiro, era a certificação do Departamento de Imprensa do Ministério das Relações Exteriores, o que lhe garantia transporte, alimentação e acomodação em condições normalmente inacessíveis para um cidadão russo comum. Ele conta que se preocupava em exibir cada um desses papéis no lugar adequado: exibir o primeiro em hotéis ou privaria do tratamento privilegiado; exibir o segundo em fábricas e escritórios do Partido atrairia suspeita e desconfiança.

Mesmo com esses dois salvo-condutos, ele confessa que não poderia ter viajado sozinho *“sem a ajuda da única organização que funcionava eficientemente por todo o país: a GPU”*, a polícia política. Em cada estação havia um posto, que ele procurava para apresentar seus papéis, e que providenciava um leito, cartão de alimentação e transporte. Sua presença ubíqua e seu poder para impedir ou permitir que as coisas acontecessem define, para o autor, a estrutura de um estado totalitário.

A viagem, que durou cinco meses, levou-o a lugares na Ásia Central aonde nenhum europeu havia ido anteriormente, a não ser oficiais do partido. Passou pela Ucrânia, Geórgia, Armênia, Azerbaijão, Turquestão, Uzbequistão e Kazaquistão. Ele lamenta não ter aproveitado a jornada por algumas das paisagens e cidades mais exóticas do planeta, impregnado que estava pelo treinamento do Partido, que só o fazia atentar para planilhas, fábricas, represas, creches, blocos de apartamentos, edificações praticamente iguais por toda a União Soviética: o desprezo pelo passado era uma marca do espírito revolucionário, sendo a atitude contrária um sinal de *“uma atitude mórbida, sentimental, romântica e escapista... O dever do comunista não era observar o mundo, mas transformá-lo; seus olhos deveriam estar focados no presente e no futuro, não no passado. A história da Humanidade começava com a Revolução Mundial; tudo o que viera antes constituía meramente uma abertura, bárbara e caótica”* (IW, p. 79). Já não se publicava Dostoyevsky. Igrejas e mesquitas do século XVI e XVII não passavam, para as pessoas encarregadas de recepcionar Koestler nos vários rincões do vasto país, de prédios velhos.

Apesar de todas essas distorções em seu pensamento, ele não deixa de notar que todo o novo aparato industrial parecia subaproveitado, em virtude de uma falta de

iniciativa causado pelo excesso de centralização: nenhum gerente de fábrica daria qualquer passo sem a anuência de Moscou que, considerando a precariedade das comunicações, poderia demorar vários meses. Na verdade, juntamente com a grande fome, essa paralisação na produção configurava um momento extremamente delicado na história da União Soviética.

Por várias vezes Koestler assistiu o êxodo de famintos. Testemunhou também o choque cultural que representava o planejamento centralizado para as sociedades daqueles confins da Ásia, milenarmente divididas em clãs. Viu também, pela primeira vez, um julgamento espetáculo, no qual um membro de um antigo clã do Turcomenistão estava sendo julgado por atitudes anti-revolucionárias, com um resultado já previsível antes mesmo que o julgamento começasse. E, numa cidade particularmente antiga como Bokhara, a soviétização era particularmente drástica:

*“Toda a antiga cidade estava sendo arrasada até os alicerces. Os bazares, outrora o mais famoso centro comercial da Ásia, estavam mortos. Nada de barracas oferecendo tapetes, seda, tecidos, artesanato em ouro e cobre, peles de carneiros Kara-Kul, manuscritos raros, livros e temperos exóticos. As trezentos e sessenta mesquitas, e os cento e quarenta medresh também morreram. Algumas poucas foram convertidas em escolas. Outras foram demolidas. Os famosos livros e manuscritos, que fizeram de Bokhara o centro de aprendizado muçulmano, haviam desaparecido — queimados, roubados, dispersos. O minarete de Kokhumbuz, do alto de cuja torre de vinte e seis metros os hereges eram atirados, havia sido demolido. A Cidadela fora transformada numa Faculdade, seu grande vestibulo num dormitório para estudantes, o harém do emir num asilo para lunáticos. ‘Dentro de quatro anos’, disse-nos com orgulho o presidente do Comitê de Planejamento da Cidade, ‘Bokhara se transformará numa cidade européia’” (IW, p. 170).*

O tempo todo Koestler dizia a si mesmo que aquelas falhas todas, que não escapavam ao seu senso crítico de estudante de engenharia e editor científico, não eram devidas a um defeito intrínseco ao Sistema, mas ao atraso do povo russo. Mesmo assim, confessa que teria deixado o Partido após seu retorno, em 1933, se a Alemanha não tivesse se tornado nazista, assim como os grandes julgamentos de 1936-1938 horrorizaram muitos comunistas sinceros, que no entanto não abandonavam a doutrina pois o fascismo, representado por

Franco na Guerra Civil Espanhola, lhes parecia um mal ainda maior.

### **Volta à Europa Ocidental**

No final da viagem, de volta a Krakov, na Ucrânia, onde a começara, Koestler soube da nomeação de Hitler como primeiro-ministro. A Alemanha se transformara em um Estado totalitário, e ele passara de viajante a refugiado político. Em seu retorno à Europa, apesar da alegria de rever comida, livros e jornais como não vira em lugar nenhum na União Soviética, não podia voltar à Alemanha: seu apartamento, bem como seus pertences em Berlim, haviam sido confiscados pelo regime nazista. Sua carreira como jornalista também acabara. Suas economias, ele mandara a seus pais. Não havia como converter os rublos que recebera na Rússia. Além disso, o continente europeu estava sinistramente mudado para pior: as regras parlamentares e a liberdade de imprensa já haviam sido banidas da Áustria, para onde se deslocara. Ele decide se dirigir a Paris, visitando antes seus pais na Eslováquia e em Budapeste. Lá fica de 1933 a 1936, anos de *extrema pobreza e febril atividade política* (IW, p.229). Extrema pobreza, que o levou a passar fome novamente, dormir num celeiro nos arredores de Paris, tendo de ir a pé para essa cidade. Atividade política, pois, tendo visto pessoalmente um Estado totalitário, fez tudo ao seu alcance para que a Europa não caísse em mãos de outro, a Alemanha Nazista. Segundo ele, o comportamento dos governantes e da opinião pública européia em relação ao crescimento de Hitler, a um tempo apaziguador e escapista, só pode ser classificado como neurótico. Frente a isso, somente um punhado de refugiados que haviam tido amigos e parentes torturados e presos em campos de concentração vislumbavam o inferno que se acercava. Sua atividade política consistiu no envolvimento com escritórios de propaganda, com uma espécie de creche para filhos de refugiados, em um instituto de pesquisas sobre o fascismo. Todas essas atividades, por sua própria natureza, necessitavam de uma certa liberdade de comportamento, quanto mais não fosse para angariar apoios de pessoas e instituições que não necessariamente eram comunistas, mas que se opunham aos movimentos fascistas. Por outro lado, estudos aprofundados sobre o fascismo levariam ao matizamento de uma realidade extremamente complexa, o que se colocava contra a orientação maniqueísta da doutrina marxista, para a qual o que não era comunismo era fascismo: falava-se “Social-fascismo”, em “Clérico-fascismo”, em “Trotsky-fascista”, etc. Além disso, as ações do Partido Comunista Alemão e de resto, de qualquer indivíduo vinculado ao partido,

dependiam dos ventos que sopravam do Comintern, onde as manobras de Stalin o colocavam ora contra, ora a favor de Hitler, ora contra, ora a favor dos socialistas e liberais. E aqui podemos falar da comparação que Koestler faz entre as qualidades de um político profissional numa democracia e nos países comunistas. Enquanto nas democracias a atividade política se rege por debates parlamentares, apelos ao eleitorado e embates entre partidos com programas definidos, nos países comunistas essas regras são substituídas pela disciplina revolucionária e pela obediência quase militar a uma liderança. Não havia partidos, mas o que ele chama de “fracionalismos”:

*“As ‘frações’ não eram partidos políticos, mas alianças entre indivíduos temporariamente ligados por algum conceito de estratégia ou, mais freqüentemente, por uma sede de poder. A história interna dos vários Partidos Comunistas, incluindo o russo, é uma história de lutas entre as várias ‘frações’, que, na ausência de procedimentos democráticos, somente poderia acontecer por meio de intriga, de armadilhas, de mudança de fidelidade e outras manobras de ‘Fraktionspolitik’. A decisão final ficava com o Politbureau russo, e mais tarde somente com Stalin, que exercia o poder através de rebaixamentos periódicos, expulsões, a liquidação de uma ‘fração’ e sua substituição por outra ... Princípios e ideais, o dom da oratória política e da réplica parlamentar, apreensão da realidade e conhecimento da História, originalidade, iniciativa e integridade pessoal — tudo isso não eram predicados, mas desvantagens para um político do Comintern. ‘Política’ para ele significava a aquisição de técnicas e habilidades que eram quase inteiramente opostas das qualidades acima mencionadas” (IW, p.309).*

Essas diferenças ficaram patentes para ele após a lenta dissolução do Instituto de pesquisa, com o esvaziamento da influência de seu dirigente, a quem Koestler muito admirava. Sua carreira como comunista, reconhece, estava fadada ao fracasso pela falta das características necessárias a um político comunista, expressas na longa citação acima. A Guerra Civil Espanhola

Era o fim de 1934, e ele começa a se sentir um estranho no Partido, do qual só se desliga em 1937: em 1936 começa a Guerra Civil Espanhola, na qual, pela primeira vez, o proletariado e a classe média progressista pegavam em armas contra um Fascismo. Além disso, a Espanha era o primeiro país em que

uma coalizão de partidos de esquerda, a Frente Popular, uma nova estratégia do Comintern, vencia uma eleição. “Era, desde o começo, uma disputa simbólica”, comenta Koestler. Ele também vê um significado simbólico no bombardeio de Madri, em 1936:

*“Pois Madri ... foi a primeira capital europeia sujeita a um bombardeio aéreo em larga escala. Durante as quatro semanas de 24 de outubro a 20 de novembro, cerca de mil pessoas foram mortas, três mil feridas, e um terço da cidade transformada em ruínas. O impacto dessa experiência não reside tanto no horror físico — embora um bombardeio aéreo sem defesa anti-aérea seja bastante horrível — mas na percepção de que ele marcava o começo de uma época problemática na História, quando a secular distinção entre soldados e civis foi abolida, e a morte atacava indiscriminadamente do céu — uma era de guerra total e medo total”.*

Koestler consegue um passe como correspondente do *News Chronicle*, de Londres, para trabalhar junto às tropas franquistas. Embora não oficialmente, para todos os efeitos ele passava a ser um espião, com a agravante de ter escrito um panfleto de propaganda na qual narrava atrocidades cometidas pelas tropas franquistas, algumas documentadas, outras apenas ‘interpoladas’, como dizia o principal organizador da propaganda comunista, Willy Muenzenberg, outra figura a quem Koestler admirava e a quem dedica considerável número de páginas e que, para não fugir à regra em relação à maioria de seus amigos na época, morreu assassinado em 1940. Finalmente, cai prisioneiro dos rebeldes:

*“Fui preso em 9 de fevereiro, mantido incomunicável na prisão de Málaga, e fui transferido a 13 de fevereiro para a Prisão Central de Sevilha. Fui mantido em confinamento solitário por três meses, durante esse período fiz greve de fome por vinte e seis dias. Pelos primeiros sessenta e quatro dias, fui mantido incomunicável em minha cela, e impedido de me exercitar. Depois disso, permaneci em confinamento solitário, mas me era permitidas duas horas diárias de exercícios, em companhia de três outros prisioneiros. Fui trocado por uma refém do Governo de Valência em 14 de maio, depois de noventa e cinco dias de prisão.*

*Não fui torturado nem surrado, mas fui testemunha de surras e execuções de meus colegas prisioneiros e, exceto pelas últimas quarenta e oito horas, vivi na expectativa de compartilhar seu destino” (IW, p. 421).*

Koestler dedica um capítulo inteiro de suas memórias a esse período de encarceramento (*Horas junto à janela*). As horas junto à janela se referem às reflexões de ordem filosófica, mística e psicológica a que ele se entrega nesse longo período de solidão e ansiedade de quem espera morrer a qualquer momento. É quase uma injustiça com o autor passar rapidamente por elas, mas uma análise e mesmo uma descrição mais alentada quase demandariam um trabalho em separado, tamanha a profundidade de suas observações, tamanho o desnudamento de sua própria personalidade em temas como culpa, infinito, ética, justiça e mesmo sexo, já que ele, ao contrário do relato de outros encarcerados, não tem sonhos, nem se entrega a devaneios eróticos. Muitos dos *insights* então obtidos foram desenvolvidos em livros posteriores, como *The Gladiators*, *Darkness at Noon* e *The Yogi and the Commissar*. Nesse mesmo capítulo, descreve como, em Málaga, prisioneiros eram fuzilados aos magotes, a qualquer hora do dia, enquanto em Sevilha, de modo mais rotineiro, as execuções aconteciam duas ou três vezes por semana, entre meia noite e duas horas da madrugada. Por um tempo, ele tentou entender o sistema: em março, quarenta e cinco execuções; nos primeiros treze dias de abril, elas não ocorreram, mas entre 13 e 19 de abril, aconteceram cinquenta. Ele conta: *As vítimas não eram avisadas antecipadamente, e em sua maior parte estavam pasmadas ou eram muito orgulhosas para fazer uma cena quando eram levadas de suas celas pelos guardas, acompanhadas pelo padre, até o caminhão que as esperava. Algumas poucas cantavam, outras soluçavam, gritos abafados de 'madre' e 'socorro' eram frequentes (IW, p.423).*

### **Renúncia ao Partido Comunista**

Koestler foi finalmente libertado em troca de uma refém espanhola, esposa de um piloto franquista, num movimento centralizado na Inglaterra, que envolveu políticos trabalhistas e conservadores, clérigos, associações de escritores, apesar de nenhum livro seu ter sido publicado em Inglês, e de ele ser um desconhecido naquele país. O que parece ter pesado a seu favor, acha ele, é o fato de ser um jornalista preso e ameaçado de morte por uma ditadura, o que ainda não havia acontecido nem com Hitler, nem com Mussolini. De qualquer maneira, ele vai para a Inglaterra, onde o clima de liberalismo e a boa vontade das pessoas, tão diferente do que ocorria na Europa Continental, eivada de ditaduras. É na Inglaterra que publica, em 1938, *Spanish Testament*, traduzido em vários idiomas e que teve “um modesto sucesso”.

Terminado o adiantamento que recebera por essa obra, ele volta a trabalhar como correspondente do *News Chronicle*, desta vez na Palestina. Após seu retorno, no começo de 1938, ele percorre toda a Inglaterra, num ciclo de palestras sobre a situação política e militar na Espanha, com a duração de quatro semanas, organizado pelo *Left Book Club*. É durante esse ciclo que ele começa a se perceber não mais como um comunista quando, ao ser questionado sobre a situação do *Partido Obrero Unificado Marxista* (P.O.U.M), de orientação trotskista, que tivera seus dirigentes assassinados, ele impulsivamente diz o que pensa, ao invés do que seria esperado de um disciplinado membro do Partido. Amigos foram denunciados como agentes da nazista Gestapo. Além disso, acabara de reencontrar a amiga de infância que, juntamente o marido, o abrigara em Kharkov. Ela acabara de ser expulsa da Rússia, após dezoito meses de prisão, sob a acusação, que Koestler sabia ser falsa, de espionagem e tentativa de assassinato de Stalin. Através dela, tem acesso às técnicas de interrogatório usadas pela GPU. Finalmente, antes de uma palestra ele, solicitado por um delegado do Partido a introduzir uma passagem, denunciando o P.O.U.M como agentes franquistas, se recusa a fazê-lo, e também a deixar o delegado ler sua palestra previamente. Acaba terminando-a de um modo que o levou a temer a expulsão pelo Partido:

*“Eu finalmente me decidi por três frases simples com as quais concluir o discurso, cada uma em si uma piedosa platitudo, e no entanto uma heresia capital para um stalinista. A primeira era: ‘Nenhum movimento, partido ou pessoa pode se arrogar o privilégio da infalibilidade’. A segunda era: ‘É uma tolice apaziguar o inimigo, assim como perseguir o amigo que persegue a mesma meta que nós, por caminhos diferentes’. O terceiro era uma citação de Thomas Mann: ‘A longo prazo, uma verdade ofensiva é melhor do que uma mentira útil’.*

*O efeito foi o mesmo que ocorreria se numa platéia nazista alguém trouxesse a espantosa notícia de que os homens nascem iguais. Quando terminei, a parte não comunista da platéia aplaudiu, a parte comunista permaneceu sentada em um silêncio pétreo, a maior parte dela acintosamente com os braços cruzados” (IW, p. 472).*

Após a palestra, Koestler conta que foi abandonado pelos companheiros de Partido, que passavam por ele como se fosse *um homem invisível*. Não demorou para que ele redigisse uma carta solicitando seu desligamento na qual,

contudo, apesar de manifestar sua discordância em relação ao crescimento da burocracia e ao cerceamento das liberdades individuais, reafirmava sua fé na União Soviética — fé que durou por mais um ano e meio, quando ocorre o pacto Hitler-Stalin.

#### **Novamente preso**

Um mês depois de a França declarar guerra à Alemanha, Koestler é preso em Paris, ficando confinado por quatro meses no campo de Le Verget, oficialmente denominado Campo de Concentração para Estrangeiros Indesejáveis. Ele confessa não ter idéia das razões de sua prisão, já que a Hungria permaneceu neutra até 1943. Nunca foi informado sobre essas razões, e nem sequer foi interrogado. Libertado em 1940, de novo por pressões britânicas, tem seus documentos confiscados pela polícia francesa. Quando a França cai diante da Alemanha, é preso novamente, mas consegue escapar do campo. Fica escondido em Paris por alguns dias e foge para Limoges onde, sob falsa identidade e um enorme bigode, alista-se por cinco anos na Legião Estrangeira. Entra em contato com alguns oficiais britânicos e todos, com papéis falsos, fogem para Casablanca, e daí para Lisboa. Como não possuía visto, não pode seguir para a Inglaterra como os outros, permanecendo à espera de um visto que nunca chegou. Embora lhe tenha sido oferecido um visto norte-americano, recusa-se a ir para os Estados Unidos, já que não quer abandonar a Europa. Com a colaboração do cônsul britânico em Lisboa e do correspondente do *The Times*, viaja como clandestino num avião da KLM para Bristol, onde é novamente preso, encaminhado para Londres e finalmente para a prisão de Pentonville, onde fica por seis semanas. A diferença entre a Inglaterra e o resto da Europa é enfatizada no seguinte comentário:

*Se eu fosse escrever um Baedeker das prisões da Europa, marcaria Pentonville com três estrelas. É a cadeia mais decente em que já estive, apesar de os encanamentos deixarem a desejar. Em Sevilha as instalações eram mais modernas, com banheiro e água corrente em cada cela, sendo permitido tomar vinho com as refeições, mas as pessoas eram fuziladas e garroteadas sem muito alarde. Em Pentonville tivemos somente um enforcamento durante minha estadia — um espião alemão — mas nessa manhã os guardas andavam na ponta dos pés e houve silêncio em todo o imenso edifício. Era bom saber que eu estava em um lugar onde levar um homem à morte ainda era olhado como um evento solene e excepcional. Isso fazia toda a diferença; era por isso, na verdade, que a guerra estava acontecendo (IW, p. 514).*

Koestler relata que, apesar de estar encarcerado, e sendo submetido a várias horas diárias de escuridão em virtude do blecaute contra os ataques aéreos, ele se sentiu pela primeira vez em segurança. Foi libertado poucos dias antes do Natal de 1940, já com um cartão de registro, à guisa de documento de identidade. No dia seguinte, correu a alistar-se no Exército Britânico. Termina a autobiografia com um elogio ao povo inglês que, segundo ele, acolhe bem os estrangeiros, num país onde os comunistas são primeiro ingleses e depois comunistas, apesar de criticar-lhes uma certa ingenuidade diante dos terríveis acontecimentos na Europa Continental.

#### **A trilogia política**

É vasta a obra de Arthur Koestler, mas curiosamente ele só se sente verdadeiramente um escritor depois de seu desligamento do Partido Comunista. Na verdade, ele já havia escrito um relato de sua viagem pela União Soviética que, a despeito das intenções iniciais, acabou não sendo aprovado integralmente para publicação. Além disso, após uma temporada que passou numa espécie de abrigo para filhos de comunistas presos ou em missão, chegou a escrever um romance, desdenhosamente criticada por um comitê formado por escritores comunistas por não ter ele conseguido assumir o realismo socialista, empregando em seu lugar os métodos da psicologia individual burguesa, apresentando “*os tumultos da puberdade como um fenômeno geral, ao invés de apontar corretamente que tais crises somente ocorrem em adolescentes criados num ambiente burguês decadente, mas são desconhecidos entre a sadia juventude da União Soviética*” (IW, p. 286).

No entanto, ainda pertencendo ao Partido, ele narra que um certo dia, movido por simples curiosidade, procurou numa enciclopédia pelo nome Spartacus, já que o Partido Comunista Alemão era uma cria de um grupo revolucionário chamado Grupo Spartacus, fundado por Rosa Luxemburgo. Gradativamente, Koestler vai se envolvendo com a pesquisa histórica sobre o tempo daquele personagem, o século I A. C. Era o começo do romance *The Gladiators*, o primeiro a ser publicado. Ele conta que sua elaboração foi uma verdadeira corrida de obstáculos, uma vez que durante ele foi obrigado a escrever quatro outros livros: dois livros sobre sexo “*para sobreviver*”, um livro de propaganda para os Legalistas espanhóis e um relato de seu aprisionamento na Espanha (IW, p. 320).

Embora inicialmente ele tenha sido atraído pelos aspectos românticos e pitorescos da revolta de gladiadores liderada por Spartacus, logo passou a identificar certos

paralelos históricos comuns à nossa época e a época em que tal revolta acontecera, levando-a a classificá-la como “a primeira grande revolução proletária” (IW, p. 322). Ele comenta:

*“As causas que levavam a esses levantes também tinham um tom familiar; a quebra de valores tradicionais, uma rápida transformação no sistema econômico, desemprego em massa, causado pela importação de trabalho escravo e de cereal barato das colônias, a ruína dos fazendeiros e o crescimento do grandes latifúndios, uma administração corrupta e uma classe dirigente decadente, uma queda nas taxas de natalidade e um espetacular aumento de divórcios e abortos. É somente contra esse pano de fundo que se pode entender que um bando de setenta lutadores fugitivos do circo cresça para um exército de 70 000 homens, e que por dois anos teve meia Itália sob seu jugo. Na verdade, aquele foi um daqueles poucos momentos na História no qual estiveram reunidos todos os elementos que os marxistas denominam ‘uma situação revolucionária objetiva’” (idem)*

É importante nos determos acerca do que Koestler declara sobre este romance, dada sua contribuição para que ele se desiludisse com o Comunismo. Se havia essas condições, se o decadente Império Romano continuou por mais quinhentos anos, se havia duas vezes mais escravos do que homens livres, por que então não se materializavam as palavras do Manifesto Comunista, isto é, por que os escravos romanos não tomaram o destino em suas mãos? Ele prossegue se perguntando:

*“E porque, dois anos depois, os proletários italianos e alemães ainda fracassam em reconhecer seus próprios interesses, e sustentam os Neros e Calígulas de nossa era? Tinha o conceito de ‘consciência de classe’ algum valor prático para explicar a História? Não era a psicologia de massas um complexo infinitamente mais complexo? Porque era esse tão importante tema uma lacuna no mapa marxista do mundo? Porque o ‘Partido das Massas’ ignora as descobertas de Le Bon, Fraser, Durkheim, Levy-Bruhl, Freud e Jung, todas elas enfatizando a natureza irracional e afetiva do comportamento de grupos, tão flagrantemente demonstrado pelo Fascismo e seus movimentos similares? As monótonas catilinárias contra os ‘traidores da classe operária’ e ‘lacaio da burguesia’ explicam porque o povo se recusa a nos seguir? Tinha o universo fechado em que eu vivia qualquer*

*relação com a realidade à minha volta?” (IW, p. 323).*

Até então, Koestler olhava com reservas para a liderança soviética e a burocracia do Komintern, mas acreditava na doutrina do materialismo histórico, que ele via como “auto-evidentes, como os axiomas de Euclides”. Era essa certeza que começava a falhar, criando brechas no sistema fechado em que ele declarava viver. Assim, escrever o livro foi para ele uma jornada de descobertas, uma revelação. Contra um pano de fundo histórico que ele procurou recriar com a máxima precisão, desfilam personagens imaginários, já que pouca informação havia sobre Spartacus e seus seguidores, que acabam por fundar uma sociedade utópica, sem distinção entre senhores e escravos. A utopia naufraga, todavia, pois seu líder está condenado a fazer o que lhe é mais repugnante: de fato, ao se recusar a crucificar os celtas dissidentes e a estabelecer uma cruel tirania, ele condena toda sua empreitada ao fracasso.

*The gladiators* é, portanto, no dizer do próprio Koestler, uma obra que lida com a ética da Revolução, com o problema dos meios e dos fins (p. 327), entre ‘a moralidade transcendental e a conveniência social’, tema que retomará no seu romance mais famoso, *Darkness at noon*<sup>8</sup>, romance que se passa na União Soviética, e que tem como personagem principal um bolchevique histórico, Rubashov, que, embora fictício, é calcado em Bukharin. Preso durante um dos expurgos, ele é levado a confessar-se um traidor da revolução, por meio de técnicas de interrogatório que Koestler “inventou”, mas que depois se mostraram, à luz de documentos secretos vindos a público, extremamente fiéis ao que aconteciam na realidade.

No romance, Rubashov é implicado em uma dissensão contra os dirigentes do Partido. Nos interrogatórios, todos eles confessam-se arrependidos, uns por força de tortura física, outros sem entender as acusações, já que fariam tudo o que a Autoridade lhes ordenasse. Chama a atenção, contudo, a forma como um velho e sincero revolucionário como Rubashov é convencido a concordar com sua própria culpa, por meio de palavras que ele mesmo escrevera. Depois de dias sem dormir, fisicamente e emocionalmente quebrado, assim seu interrogador Gletkin a ele se dirige:

*“Sua facção, Cidadão Rubashov, está derrotada e destruída. Você queria cindir o*

<sup>8</sup> Publicado no Brasil com o título *O zero e o infinito*.



*Partido, apesar de saber que uma cisão do Partido significava guerra civil. Você conhece a insatisfação entre os camponeses, que ainda não entenderam o significado dos sacrifícios que lhes são impostos, Numa guerra que pode estar a somente alguns meses de distância, tais correntes podem levar a uma catástrofe. Daí a imperiosa necessidade de o Partido permanecer unido. Ele deve ser como se fosse retirado de um único molde —preenchido com disciplina cega e confiança absoluta. Você e seus amigos, Cidadão Rubashov, provocaram uma fenda no Partido. Se seu arrependimento é real, então você deve nos ajudar a consertar essa fenda. Eu lhe disse, é o último serviço que o Partido lhe pede.*

*Sua tarefa é simples. Você mesmo a colocou: dourar o que é Certo, denegrir o que é Errado. A política da oposição está errada. Sua tarefa é portanto tornar a oposição desprezível; fazer as massas entenderem que oposição é um crime, e que seus líderes são criminosos. Essa é a linguagem simples que as massas entendem. Se você começar a falar de seus motivos complicados, vai somente criar confusão entre eles. Sua tarefa, Cidadão Rubashov, é evitar despertar simpatia e piedade. Simpatia e piedade para com a oposição constituem um perigo para o país.*

*‘Camarada Rubashov, espero que você tenha entendido a tarefa que o Partido lhe reservou.’*

*Era a primeira vez que Gletkin chamava Rubashov de ‘Camarada’. Rubashov levantou rapidamente a cabeça. Ele sentiu uma onda quente erguendo-se nele, contra a qual ele era indefeso. Seu queixo tremia levemente enquanto ele colocava seu pince-nez.*

*‘Eu entendo’.*

*‘Observe,’ continuou Gletkin, ‘que o Partido não lhe acena com nenhuma recompensa. Alguns dos acusados se tornaram amenáveis por meio da pressão física. Outros pela promessa de salvar sua cabeça — ou as cabeças de seus parentes que caíram em nossas mãos como reféns. A você, camarada Rubashov, não propomos qualquer barganha, e nada prometemos’.*

*‘Eu entendo,’ repetiu Rubashov.*

*Gletkin deu uma olhada no dossier.*

*‘Há uma passagem no seu diário que me impressionou,’ prosseguiu. ‘Você escreveu: “Pensei e agi como tinha de fazer. Se eu estava certo, nada tenho do que me arrepender. Se eu estava errado, eu pagarei”.’*

*Ele levantou os olhos do dossiê, e olhou fixamente para Rubashov:*

*“Você estava errado, e você vai pagar, Camarada Rubashov. O Partido só lhe promete uma coisa; depois da vitória, um dia quando não fará mais nenhum mal, o material dos*

*arquivos secretos será publicado. Então o mundo saberá o que havia por trás dessa palhaçada — como você a chamou — que tivemos que armar...”*

Se em *Darkness at noon* Koestler antecipa os expurgos stalinistas, em *Arrival and departure* (1943), terceiro livro de sua trilogia sobre meios e fins, tenta uma interpretação psicanalítica do impulso para a participação. O protagonista é o jovem Peter Slavek, que foge de um país totalitário, onde havia sido preso e torturado, abrigando-se num país neutro, onde procura se alistar nas forças inglesas, o que acaba por fazer, mesmo tendo a oportunidade de asilar-se nos Estados Unidos. Antes disso, no entanto, é acometido de uma estranha paralisia. O próprio Koestler assim se manifesta num pós-escrito:

*“Peter Slavek se lança como um um bravo revolucionário sem muito insight sobre os obscuros motivos de suas próprias ações. Seu colapso apresenta o quadro clínico de uma assim chamada paralisia histérica (que eu vi acontecer com um companheiro na prisão durante a Guerra Civil Espanhola). No divã da analista é levado a descobrir que seu zelo de cruzado é derivado de uma culpa inconsciente; é persuadido a dar adeus às armas, e a adotar - uma postura mais terra-a-terra, razoável, oportunista e expediente. No tipo de psicoterapia praticado por Sônia, não há lugar para uma ética absoluta; seu objetivo é fazer o paciente aceitar a realidade; e a se a realidade é a da Europa em 1942, nada pode ser feito. Contudo, no final seus métodos não funcionam; Peter muda de idéia — ou melhor, algum núcleo intocável dentro dele, um núcleo aparentemente “além do alcance da causa e efeito” muda de idéia por ele”.*

Koestler ainda assinala que essa irreduzibilidade dos imperativos éticos a níveis mais baixos na hierarquia dos fenômenos — isto é, “motivações psicológicas, condicionamentos, uma mãe super possessiva ou uma tireóide hiperativa” — embora não fosse nova, ia contra as várias correntes de nosso tempo: marxismo, freudismo, behaviorismo, etc. No final das contas, esse ex-comunista acaba por declarar sua fé não numa religião ou numa ciência, mas no livre arbítrio do próprio homem. Ele retomará essa temática em um livro de ensaios, *The yogi and the commissar*<sup>9</sup>, de 1947.

<sup>9</sup> Publicado no Brasil como *O yogue e o comissário*.

### **A escrita invisível**

Começamos este percurso com uma citação explicando o título do primeiro volume da autobiografia, *A flecha no azul*. Parece adequado terminá-lo com um esclarecimento sobre o título do segundo, *A escrita invisível*. Tal expressão aparece no capítulo em que descreve sua permanência na prisão de Sevilha. A escrita invisível se refere a uma realidade subjacente à realidade sensível, que não podia ser tomada pelo seu valor de face. A realidade última, para ele, era tão imperceptível quanto a atração magnética sobre nossa pele. Era um texto “*escrito com tinta invisível; e apesar de não poder ser lido, o conhecimento de que ele existia era suficiente para alterar a textura da existência de alguém, e fazer suas ações se conformarem ao texto*”.